



Palavras proferidas em 14 de Agosto de 1935, em apelo à Nacionalidade.  
(discurso do DR. OLIVEIRA SALAZAR)

## ALJUBARROTA FESTA DA MOCIDADE – FESTA DA NACIONALIDADE

Em 14 de Agosto de 1385 — há portanto 550 anos — foi travada entre portugueses e castelhanos a batalha de Aljubarrota, não muito longe do sítio onde hoje se admiram a igreja e convento da Batalha, erguidos em comemoração da vitória. A desproporção das forças em presença — 7.000 portugueses para mais de 30.000 inimigos — o fulminante da vitória, as pesadíssimas perdas infligidas aos castelhanos, a fuga do rei de Castela, a maneira como foi conduzida a batalha sob o aspecto puramente militar por esse extraordinário generalíssimo, assombroso de misticismo religioso e de génio guerreiro, que se chamou D. Nun' Álvares Pereira, fazem de Aljubarrota o ponto central da longa guerra havida em Castela e a vitória mais representativa do esforço de nossos avós pela independência de Portugal. — Esta a primeira e grande liberdade por que se bateram então.

A crise de pensamento e de consciência que na passagem da primeira para a segunda dinastia atormentou os portugueses, os perigos que afrontaram, as fomes e pestes que sofreram, as lutas em que se empenharam só para manter o direito de não serem governados por outros e vincar a aspiração de seguir seu rumo histórico sem sujeição a rei estrangeiro, gravaram para sempre Aljubarrota no espírito da Nação e fizeram desta data a verdadeira festa da independência pátria.

Passaram sobre o acontecimento alguns séculos que não foram sempre de paz e concórdia na península. Novas dificuldades de sucessão no trono português trouxeram o domínio dos Filipes e contra ele as longas guerras da restauração. Sobre estas mesmas também já passaram séculos. Era ridículo ter alimentado nos corações os rancores nascidos das batalhas; por isso Aljubarrota, Atoleiros, Valverde, como três séculos mais tarde Montijo, Ameixial, as linhas de Elvas, Montes Claros são vitórias mas não já gritos de ódio, não são hoje contra ninguém, são por nós mesmos. E parece que assim mesmo deveria ser. Podemos orgulhar-nos de ser na Europa o único país cujas fronteiras se podem dizer imutáveis desde há séculos; e, facto curioso! Uma vez talhada pelos primeiros reis na faixa atlântica, nem mesmo se notou nunca a preocupação de alargar na península as fronteiras da Pátria. Ia noutra direcção a força expansiva da raça, o seu génio descobridor e de colonização: pelo Atlântico, pelo Indico se expandiu o povo português, descobriu as terras e os mares, abriu aos outros povos novos caminhos e caminhos de novos mundos, levando e deixando por toda a parte o traço característico da sua dominação — o humanitarismo da sua alma latina, o apostolado da sua civilização cristã.

Estamos em face de um imperativo histórico, contra o qual têm lutado debalde os derrotistas, os acomodaticios, os filósofos daquém e dalém fronteiras: estes têm o direito de, raciocinando sobre abstracções, classificar de erro o que os séculos impuseram e a nossa vontade inabalável se sente obrigada a manter.

Não há dúvida de que homens de escol nas letras, na política, nas armas o guiaram para as resoluções e vitórias definitivas, mas é preciso crer, em face de tais exemplos, que o povo é, pela simplicidade da sua alma e espontaneidade dos seus sentimentos, a fonte sempre viva do nosso nacionalismo.

Que importa que no presente momento histórico não seja igualmente vista por muitos a necessidade e grandeza da obra nacionalizadora em marcha, se o povo tem a intuição dum a época decisiva da nossa vida e de que por este caminho se retoma o velho rumo da história pátria?

Nun'Álvares tinha 23 anos quando da revolução em Lisboa e 25 em Aljubarrota; D. João 1, 25 ao ser proclamado defensor do reino e 27 na segunda daquelas datas. O estado-maior do Condestável eram rapazes, de pouca idade, com o espírito aventureiro e irrequieto dos jovens, insofridos nas pelejas mas obedecendo cegamente ao chefe. Com estes se fez a campanha e se assegurou a independência de Portugal.

*É neste pensamento que devemos fundir o que nos une a Portugal por portuguesismo e à Europa por imperativo geográfico ... apenas!*

*Fomos e teremos que nos manter independentes de quererres alheios. A submissão é o alimento dos que nada produzem e tudo devoram!*

**VIVA PORTUGAL!**

2010-08-02